

## **Reflexões sobre o compromisso público da imprensa a partir de uma coletiva de Neymar no período da Copa do Mundo<sup>1</sup>**

Fábio Aguiar LISBOA<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

A partir da observação do comportamento de jornalistas em uma coletiva concedida pelo jogador Neymar no período da Copa do Mundo, e de alguns dos textos produzidos a partir da cobertura deste evento, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre o compromisso público da imprensa brasileira em um contexto no qual há, pelas fontes, um controle maior do fluxo de informações, e no qual o espetáculo é a palavra de ordem no universo do futebol.

**Palavras-chave:** esporte; espetáculo; copa; imprensa; comunicação.

### **Introdução**

Se por um lado a expressão “o Brasil é o país do futebol” pode ser considerada uma falácia, no sentido de evidenciar não uma verdade inquestionável, mas sim uma tradição<sup>3</sup> socialmente inventada, por outro ela chama a atenção para o fato de que na contemporaneidade o futebol ocupa um espaço privilegiado, especialmente quando se fala do processo de construção de subjetividades.

O presente artigo parte de um pressuposto apresentado por Helal e Cabo (2014), o de que “o futebol em tempos de Copa do Mundo, é um texto privilegiado para se entender o Brasil, suas questões e dilemas”, para propor uma avaliação de como em algumas oportunidades a imprensa esportiva pode falhar no cumprimento de seu compromisso público em detrimento de interesses particulares.

Para isto, vai-se propor uma reflexão a partir da observação do comportamento de jornalistas em uma coletiva concedida pelo atacante Neymar, considerado o principal nome da seleção brasileira atual, e de alguns dos textos produzidos a partir da cobertura deste evento.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Comunicação do PPGCOM-UERJ, email: [fabioaguiarlisboa@gmail.com](mailto:fabioaguiarlisboa@gmail.com).

<sup>3</sup> A categoria tradição é usada no mesmo sentido adotado por Hobsbawn e Ranger (1997).

## O contexto

A Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil nos meses de junho e julho de 2014, teve vários momentos marcantes. Quando se fala especificamente da equipe que representou o Brasil na competição, um dos momentos de maior relevância, mas por uma causa negativa, foi a derrota pelo placar de 7 a 1 para a seleção da Alemanha.

Esta derrota, que aconteceu no dia 8 de julho de 2014, ficará para a posteridade como a maior goleada que a seleção brasileira sofreu em sua história até a presente data, resultado que ganha ainda mais relevância quando se considera o fato de que este jogo, válido pelas semifinais do Mundial, aconteceu em uma edição da competição realizada em solo brasileiro.

Além de a seleção brasileira ter sofrido a maior goleada de sua história em uma Copa realizada em sua casa, é necessário evidenciar que existia a expectativa em meio à imprensa esportiva de que a conquista do título da Copa de 2014 pudesse apagar a frustração causada pelo Maracanazo, a derrota do Brasil pelo Uruguai na final da Copa de 1950, torneio também realizado em território brasileiro. O próprio coordenador técnico da seleção brasileira na Copa de 2014, Carlos Alberto Parreira, expressou esta expectativa no decorrer de uma entrevista concedida meses antes do início da competição: “Nós somos, entre aspas, o país do futebol que perdeu a primeira Copa em casa e tem a obrigação de ganhar a segunda em casa. Isso nos dá responsabilidade muito grande”<sup>4</sup>.

A derrota de goleada para a Alemanha criou então um clima de consternação e indignação entre a imprensa esportiva, que passou a procurar a razão do fracasso da seleção brasileira.

A primeira oportunidade que os jornalistas encontraram para tentar obter uma resposta para este resultado foi a entrevista coletiva concedida pelo técnico da seleção brasileira, Luiz Felipe Scolari, logo após a derrota<sup>5</sup>. O tom adotado nesta oportunidade pela imprensa foi o de questionamento, com o intuito de buscar respostas para um resultado

---

<sup>4</sup> Matéria sobre a entrevista: *Parreira diz que 'obrigação' de ganhar Copa em casa não atinge seleção*. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/esportes/parreira-diz-que-obrigacao-de-ganhar-copa-em-casa-nao-atinge-selecao-11919224>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

<sup>5</sup> É importante salientar que as entrevistas coletivas concedidas no estádio após as partidas, independente do resultado das mesmas, fazem parte de “liturgia” adotada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) em suas competições oficiais.

considerado surpreendente<sup>6</sup>. Naquela oportunidade o treinador afirmou que a goleada foi ocasionada por uma pane de sua equipe.

Um dia depois, 9 de julho de 2014, a imprensa teve uma nova oportunidade de obter respostas, quando o técnico Luiz Felipe Scolari volta a conceder uma coletiva. Contudo, esta entrevista aconteceu na Granja Comary, centro de treinamento da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), e local de preparação e concentração da seleção brasileira durante o período da Copa do Mundo.

Nesta segunda entrevista, que era promovida pela CBF<sup>7</sup>, o técnico da seleção brasileira foi acompanhado por toda a sua equipe técnica, e ao contrário do dia anterior, no qual era evidente seu constrangimento e desconcerto, Scolari adotou uma postura combativa em relação a seus críticos. Para justificar seu posicionamento na entrevista, que consistiu basicamente em defender o seu trabalho e o de seus companheiros de comissão técnica, o treinador apresentou uma série de dados<sup>8</sup> sobre a preparação do Brasil para a disputa da Copa. O objetivo era continuar defendendo a tese de que a razão da derrota do Brasil para a Alemanha foram “seis minutos de pane geral”<sup>9</sup>, e não uma preparação inadequada.

O primeiro aspecto a ser evidenciado neste texto é a diferença de postura de Scolari nas duas coletivas. Se na primeira ele estava visivelmente constrangido por ser obrigado, pelas regras da FIFA, a ter que se pronunciar momentos após a goleada da Alemanha sobre o Brasil, na segunda ele teve a oportunidade de se organizar, inclusive levando dados sobre a preparação da equipe brasileira e contando com a presença de outros membros da comissão técnica, para falar na coletiva organizada pela CBF, organização da qual ele fazia parte naquele momento<sup>10</sup>. O detalhe é que no segundo caso ele não teria a obrigação de conceder uma entrevista. Além disso, é a CBF que define todas as regras destas coletivas,

<sup>6</sup> Até a derrota para a Alemanha, a imprensa esportiva brasileira tendia a manter uma postura de apoio à seleção e ao técnico Luiz Felipe Scolari, expressando em várias matérias a expectativa de que o Brasil viesse a conquistar a Copa de 2014. Talvez esta postura explique um pouco da surpresa dos jornalistas brasileiros com a goleada sofrida pelo Brasil no confronto com a Alemanha. Uma derrota como aquela não era esperada mesmo pelos mais pessimistas.

<sup>7</sup> No período de disputa da Copa do Mundo o acesso da imprensa não é controlado apenas pela FIFA. Os profissionais de imprensa que desejavam acompanhar a seleção brasileira no decorrer do Mundial realizado no Brasil tinham que se credenciar junto à FIFA, para as programações organizadas pela entidade internacional, e junto à CBF, para acompanhar as atividades promovidas pela confederação brasileira. A segunda coletiva do técnico brasileiro, realizada no dia 9 de julho, fazia parte dos eventos promovidos pela CBF.

<sup>8</sup> Os dados, que Scolari deixou à disposição da imprensa consistiam em informações como o número de treinos feitos pela seleção no período da competição e análises feitas pelo fisiologista da equipe. A disponibilização desta informações tinha o intuito de responder às críticas feitas pela imprensa sobre a quantidade de treinos feitos pela seleção. Muitos jornalistas consideraram que estas atividades foram insuficientes para uma preparação adequada.

<sup>9</sup> Matéria sobre a entrevista: *Felipão diz que não mudaria nada na seleção e valoriza fato de ter chegado à semifinal - 'O trabalho não foi de todo ruim, foram seis minutos de pane geral', argumenta*. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/felipao-diz-que-nao-mudaria-nada-na-selecao-valoriza-fato-de-ter-chegado-semifinal-13195738>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

estipulando o tempo de duração das mesmas, qual será a fonte a se pronunciar representando a seleção e os jornalistas que farão as perguntas.

E aqui se chega ao evento que se deseja destacar neste artigo, que é a segunda coletiva concedida na Granja Comary por um membro da seleção brasileira após a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo. O escolhido para falar nesta oportunidade é o atacante Neymar, a estrela da equipe brasileira no Mundial.

### **A coletiva de Neymar**

De todos os jogadores da seleção brasileira, um não teve a imagem arranhada pela goleada que o Brasil sofreu da Alemanha, o atacante Neymar<sup>11</sup>. O camisa 10 da seleção brasileira acabou sendo preservado das críticas. Na verdade, prevaleceu o sentimento de comoção, entre jornalistas e torcedores em relação a Neymar por causa da lesão que ele sofreu após o jogador colombiano Zúñiga lhe dar uma joelhada nas costas em jogo válido pelas quartas de final da Copa. Esta lesão tirou Neymar do restante do Mundial, inclusive do jogo contra a Alemanha.

Mas, apesar da lesão e de não participar da derrota brasileira, para a qual toda a imprensa buscava uma explicação, Neymar foi o primeiro jogador escalado pela CBF para dar uma coletiva após a derrota do Brasil para a Alemanha.

A entrevista aconteceu no dia 10 de julho de 2014<sup>12</sup>. Para isto, o jogador, que havia seguido para sua casa no estado de São Paulo desde a confirmação de que não poderia atuar mais pelo Brasil na Copa do Mundo em decorrência da lesão sofrida no jogo contra a Colômbia, voltou a se concentrar com os outros jogadores na Granja Comary, no estado do Rio de Janeiro.

Um pouco antes do início da entrevista, a CBF divulga imagens do jogador chegando à Granja Comary.

---

<sup>10</sup> Após a participação do Brasil na Copa do Mundo, Luiz Felipe Scolari deixou o posto de técnico da seleção brasileira. Matéria sobre o episódio: *CBF confirma saída de Luiz Felipe Scolari da seleção brasileira - Em nota, entidade diz que o presidente Marin aceitou o pedido de demissão do treinador e de toda comissão técnica. Dirigente agradece pelo trabalho prestado.* Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/07/cbf-confirma-saida-de-felipao.html>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

<sup>11</sup> A manutenção do prestígio de Neymar ficou evidente no jogo contra a Holanda, válido pelo terceiro lugar da Copa do Mundo. Antes de a equipe titular da seleção brasileira entrar em campo, Neymar chega ao gramado sozinho e é aplaudido com entusiasmo pela torcida presente no Estádio Nacional Mané Garrincha.

<sup>12</sup> A escolha de Neymar como primeiro jogador a conceder uma entrevista após a goleada da Alemanha pode ter sido uma estratégia da CBF de usar a popularidade do jogador, que permaneceu alta mesmo com a fraca campanha brasileira na Copa. Esta poderia ser uma forma de a organização passar o foco da imprensa das críticas feitas à seleção após a derrota para a Alemanha para as falas do camisa 10 da seleção brasileira.

Neste vídeo<sup>13</sup>, Neymar aparece cumprimentando os outros atletas da seleção e recebe o carinho da torcida. Parece que, através das imagens ali exibidas, estava sendo estabelecido o tom que deveria ser seguido no decorrer da coletiva, o de boas-vindas ao ídolo ferido, mas que ainda era respeitado pelos companheiros de equipe e idolatrado pela torcida.

Se a intenção com o vídeo era a de estabelecer um posicionamento favorável dos jornalistas para com Neymar, a iniciativa parece ter surtido o efeito esperado. Durante toda a coletiva<sup>14</sup> é nítida a preocupação dos jornalistas em expressarem, no momento de fazerem suas perguntas ao jogador, seu interesse pela recuperação de Neymar. Isto fica evidente em duas das inúmeras falas de profissionais de imprensa durante a coletiva.

A primeira a ser destacada se dá quando um jornalista faz questão de falar ao camisa 10 da seleção que, no dia da lesão de Neymar no jogo da Colômbia, o clima entre os jornalistas era de eliminação, mesmo com a classificação do Brasil para as semifinais do Mundial. Com isto, o repórter tenta evidenciar o que chamou de "grandeza" do jogador, comentário que se mostrou despropositado, pois a pergunta que fez após este comentário tratou da torcida do jogador no jogo final da Copa do Mundo.

A segunda fala é a de um repórter de TV, que afirma que todas as crianças do Brasil estão felizes pelo fato de Neymar estar de volta à Granja Comary. Segundo este jornalista, o seu próprio filho já havia ligado para ele para falar que estava muito satisfeito em saber que o atacante estava novamente com a seleção.

Em meio a clima tão favorável, as perguntas giraram, na sua maior parte, em torno dos sentimentos do jogador em relação à sua lesão<sup>15</sup>, ao fato de não poder mais jogar pela seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014 por estar machucado e em relação a ele ser a

---

<sup>13</sup> No decorrer da Copa do Mundo, a CBF apresentou um serviço de assessoria de imprensa muito competente na tarefa de controlar os fluxos de informação relacionados à seleção brasileira. Para isto, além de condicionar a um credenciamento prévio a liberação para a cobertura da imprensa à seleção brasileira durante a Copa do Mundo, a organização controlou todos os contatos de jornalistas com jogadores. Na maior parte das vezes, a oportunidade de entrevista que os jornalistas possuíam eram as coletivas, que tem todas as suas regras definidas pela CBF. Entrevistas exclusivas dificilmente eram conseguidas por profissionais de imprensa, e dependiam de autorização da assessoria de imprensa da organização. O credenciamento também permitia que os profissionais de imprensa acompanhassem alguns treinos da equipe, mas sem a possibilidade de conversar com jogadores. Além disso, a CBF oferecia aos jornalistas, através de um canal no Youtube, vídeos mostrando um pouco dos bastidores da preparação dos atletas da seleção e, através de seu site e perfis em redes sociais, outras informações que acabavam pautando o noticiário da seleção brasileira. O único veículo que parecia ter maior liberdade na sua cobertura da seleção foi a TV Globo, que possuía um histórico de boa relação com a CBF e que, além disso, foi a detentora, no Brasil, dos direitos de transmissão da Copa do Mundo de 2014. Para saber mais sobre a prática da assessoria de imprensa, inclusive com o uso de novas tecnologias, ver Duarte (2011).

<sup>14</sup> A íntegra da coletiva está disponível aqui: *Copa do Mundo: veja a íntegra da coletiva de Neymar*. Disponível em <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/videos/copa-do-mundo-veja-a-integra-da-coletiva-de-neymar,7520196.html>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

<sup>15</sup> Ao comentar o lance que o tirou da Copa do Mundo, Neymar se emociona durante sua fala, comportamento que cria um clima de comoção entre os presentes ao local da entrevista.

maior esperança de o Brasil voltar a ocupar no futuro o posto de protagonista no futebol mundial.

Uma fala do jogador que curiosamente não recebe grande atenção dos jornalistas presentes à coletiva é a explicação de Neymar para não ter permanecido na Granja Comary com o restante da equipe após a sua lesão. Segundo o atacante, ele foi para casa após a lesão porque acreditava que não ia conseguir mais ajudar a equipe, não teria forcas para incentivar seus companheiros, nem para incentivar a si mesmo.

Já ao ser questionado sobre o que teria acontecido com a seleção brasileira na derrota para a Alemanha, a pergunta que dominava o noticiário até o retorno de Neymar à Granja Comary, o jogador assume a mesma versão da comissão técnica, a de que a derrota foi fruto de um apagão, do acaso, de algo inexplicável.

Além disso, o atacante afirma que a seleção brasileira fracassou na tarefa de conquistar a Copa, mas ao mesmo tempo contemporiza ao dizer que perder e ganhar faz parte do futebol. Ele também diz que a seleção resgatou a capacidade de o torcedor brasileiro se encantar com o futebol, e afirmou que a goleada sofrida para a Alemanha não vai terminar esta história.

Outra pergunta que imprensa passou a fazer constantemente após a derrota para a Alemanha foi sobre a necessidade de mudança no comando da seleção. Ao responder a esta questão o jogador voltou a expressar uma posição semelhante à apresentada por Scolari e sua comissão técnica nas coletivas anteriores. Segundo Neymar: “Os brasileiros, principalmente a imprensa brasileira, têm uma mania um pouco errada, de que quando se perde tem que mudar, tem que mudar o jogador, tem que mudar o treinador”.

Ele completa seu posicionamento dizendo: “No futebol não é assim, pois aprendemos na derrota também. Não estou falando que nada tem que mudar aqui, não estou falando isso (...). Quando perdemos temos que corrigir. Acho que isso é mais importante do que mudar”.

A todas estas perguntas Neymar respondeu sem demonstrar contrariedade alguma. O único momento no qual ele expressou desagrado foi quando um jornalista de um veículo de comunicação da China perguntou se o jogador concordava com a afirmação de que após a derrota para a Alemanha o Brasil já não era mais o país do futebol.

E Neymar respondeu:

“Não tenho nem o que explicar para esta pessoa, porque está falando bobagem, está falando besteira (...). Acho que a seleção brasileira vai ser sempre a seleção

brasileira, tem que ser respeitada, independente de ter perdido de goleada. Estamos dispostos a tudo, mas desrespeitar como foi sua pergunta, não concordo”.

A última pergunta da coletiva foi sobre o próximo sonho do jogador, que responde que é voltar a jogar e “dar alegria ao povo brasileiro”. Segundo Neymar, o seu sorriso pode se fechar em um dia por causa de uma derrota, mas “pode ter certeza que amanhã a gente volta a sorrir”, declaração que dá fim à entrevista, e que é prontamente respondida por uma efusiva salva de palmas dos presentes.

### **Relatos sobre a coletiva**

As reportagens que tratam da entrevista de Neymar não apresentam aspectos ou falas que evidenciem pontos de contradição no discurso do entrevistado. Isto deve acontecer porque, seguindo critérios de noticiabilidade<sup>16</sup>, os jornalistas e editores optam por destacar os aspectos da entrevista que acreditam que tenham mais capacidade de atrair a atenção do público. Desta forma separam falas que possa sustentar a história que pretendem contar.

No dia 11 de julho são publicadas reportagens sobre a coletiva nos dois maiores jornais em circulação e audiência do Brasil em diferentes plataformas e métricas, segundo pesquisa realizada em fevereiro de 2014 pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC)<sup>17</sup>, a Folha de São Paulo e O Globo.

Em sua reportagem<sup>18</sup>, a Folha de São Paulo aborda a contusão de Neymar e destaca uma fala na qual o jogador especula quais seriam as possíveis consequências se a “lesão nas costas fosse mais profunda”. No decorrer da matéria também são considerados fatos como a goleada sofrida pelo Brasil diante da Alemanha e a torcida do camisa 10 da seleção brasileira pela Argentina de Messi na final da Copa do Mundo.

O jornal O Globo também destacou em sua matéria a demonstração de emoção do jogador ao falar da possibilidade de perder o movimento das pernas em caso de uma lesão mais grave. Contudo, a ênfase da matéria foi no que o autor da mesma, Mansur (2014),

---

<sup>16</sup> Para saber mais sobre critérios de noticiabilidade ver Erbolato (1979) e Lage (1979).

<sup>17</sup> *Maior Jornal do Brasil, Folha é líder em diferentes plataformas*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/03/1433100-folha-e-o-maior-jornal-do-brasil-nas-diferentes-plataformas-aponta-ivc.shtml>>. Acesso em: 3 jul. 2014.

<sup>18</sup> *2 cm – De volta à Granja, Neymar diz, emocionado, que poderia estar em uma cadeira de rodas se lesão nas costas fosse um pouco mais profunda*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/175440-2-cm.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

denominou de “personalidade ao dizer que a seleção não jogou bem”. Além disso, a torcida pela Argentina na final do Mundial também foi destacada.

Um terceiro relato é o do esportivo Lance!, que apresenta uma narrativa um pouco diferente da dos outros dois. A publicação afirma em sua matéria que a CBF usa Neymar como escudo após a goleada para a Alemanha. Contudo, elogia a postura do jogador, que “reconheceu que a seleção não encantou a torcida”. Entre os destaques desta matéria, dos enviados especiais (2014), também está a emoção do jogador ao falar da lesão e da falta de explicações sobre a goleada sofrida diante da Alemanha.

A leitura das reportagens citadas anteriormente permite que sejam feitas algumas ponderações. A primeira, e mais óbvia, é a de que o relato sobre o evento apresentado pelos três jornais se assemelha muito. Os assuntos que ganharam maior destaque foram o depoimento emocionado do jogador sobre a lesão que o tirou da Copa do Mundo, a torcida de Neymar pela seleção argentina na final da Copa e a “coragem” do jogador em admitir que a equipe brasileira não apresentou um futebol convincente no decorrer da Copa do Mundo.

A entrevista avalia a entrevista como positiva, e Mansur (2014) a chega a definir como “gols em sequência” e como “a mais realista e lúcida entrevista após a eliminação”.

No entanto, a leitura dos três relatos também permite que se encontrem algumas “omissões”. A primeira é a da irritação de Neymar com a pergunta do jornalista estrangeiro sobre a afirmação de que, após a derrota para a Alemanha, o Brasil já não era mais o país do futebol. A resposta dada pelo jogador à pergunta feita pelo repórter estrangeiro até aparece nas matérias, mas fora de contexto, e não há menção alguma à clara irritação do jogador com o questionamento.

Outra ausência nas matérias é a explicação do jogador sobre a razão de não ter permanecido na Granja Comary com o restante da equipe após a sua lesão. A fala de Neymar de que não permaneceu com o time porque não se via em condições de ajudar a equipe por não ter forças para incentivar seus companheiros deveria causar no mínimo estranheza e curiosidade, especialmente quando se considera o momento no qual a entrevista é realizada: Justamente o momento em que o jogador retorna à Granja.

Contudo, nenhum questionamento sobre que mudança teria acontecido para ele mudar de opinião e voltar à Granja foi feito pelos jornalistas no momento da coletiva. Apenas a reportagem do Lance! atribui o retorno do jogador, e a realização da entrevista coletiva, a uma estratégia da CBF para tentar tirar a goleada para a Alemanha dos holofotes.



Contudo, o que parece ser a grande “omissão” nas matérias foi a falta da contextualização da entrevista, descrevendo o clima na qual a mesma transcorreu. Após dois dias seguidos de entrevistas muito tensas, repletas de cobranças diretas aos membros da seleção brasileira após a maior derrota da história da seleção brasileira, o que imperou na entrevista de Neymar foi um clima de cordialidade em relação ao entrevistado.

Esta cordialidade foi evidenciada nas manifestações de carinho manifestadas ao jogador pelos jornalistas, e que teve seu ápice na efusiva salva de palmas que foi direcionada a Neymar ao final da entrevista.

### **Controle e espetáculo**

A forma como se deu a coletiva do jogador Neymar, e as reportagens produzidas a partir dela, podem levar a algumas ponderações sobre os limites do interesse público e do interesse privado na prática jornalística.

O primeiro aspecto a ser considerado está relacionado com a fonte junto às quais os profissionais trabalham no contexto de Copa do Mundo, os integrantes da seleção brasileira.

Se no passado o que prevalecia na imprensa esportiva era a informalidade e a liberdade de atuação, atualmente a palavra de ordem é controle. O acesso a jogadores e técnicos, que anteriormente era algo descomplicado e simples, se torna cada vez mais restrito e controlado, e o assessor de imprensa passa a assumir um protagonismo cada vez maior, pois é ele quem define como se dão estes contatos.

O controle dos contatos de jogadores e comissão técnica com a imprensa aumenta muito no contexto de Copa do Mundo, e, de certa forma, engessa a relação das fontes com a imprensa, pois há uma diminuição dos canais de contato, canais estes que são alvo de controle extremo.

A questão é que o estrito controle da Fifa e da CBF sobre o acesso dos jornalistas às fontes, e as consequências destas restrições ao trabalho dos profissionais de comunicação, não foi pauta em grande parte dos veículos de comunicação brasileiro.

Contudo, como afirma Bucci (2000), ao citar estratégias de comunicação adotadas por organizações e empresas na contemporaneidade, a imprensa tem sim uma alternativa à simples reprodução da versão oficial. Ela pode optar por uma cobertura de natureza mais crítica, na qual não são noticiados apenas os fatos apresentados em coletivas ou através de outros canais oficiais, mas nas quais também são evidenciados ao público os processos por meio dos quais informações, fatos e personagens são disponibilizados à imprensa.

Um exemplo de trabalho jornalístico que assumiu uma perspectiva crítica e problematizadora no contexto da Copa do Mundo foi o da repórter Eliane Brum, que inclusive escreveu um artigo tratando do estrito controle da Fifa e da CBF sobre o trabalho de jornalistas<sup>19</sup>.

O segundo aspecto a ser considerado, que está diretamente ligado ao anterior, é a mudança do status do futebol. Antes tido apenas como uma modalidade esportiva, hoje, quando se fala em futebol profissional - em especial no contexto de Copa do Mundo - se está falando em um dos principais negócios existentes, em um grande espetáculo, como afirma Kellner (2006):

“Os esportes há muito têm sido propícios ao espetáculo, com eventos como as Olimpíadas, World Series, Super Bowl, a Copa do Mundo e os campeonatos de basquete da NBA atraindo audiências maciças e gerando anúncios a preços astronômicos. Esses rituais culturais celebram os valores mais profundos da sociedade (por exemplo, a competição, o sucesso e o dinheiro)”.

Em um contexto de espetacularização do esporte há indivíduos que protagonizam um papel especial, os ídolos. No universo do futebol brasileiro começam a ganhar celebridade, com a potencialidade de se tornar ídolos, aqueles jogadores que, entre outros aspectos, têm um estilo específico de jogar, o futebol arte - que foi nomeado inicialmente como Foot-ball Mulato pelo cientista social Gilberto Freyre<sup>20</sup> e que se singulariza por elementos como a ginga, a inventividade e a habilidade de seus praticantes.

Na seleção que representou o Brasil na Copa do Mundo de 2014 apenas um jogador era visto pela imprensa como representante do suposto futebol arte brasileiro, o atacante Neymar. Por conta disso, e também em razão de um maciço trabalho de marketing pessoal, ele recebe uma atenção especial da torcida e da imprensa.

Ao se avaliar o desenvolvimento da coletiva do atacante Neymar e as narrativas sobre a mesma é possível perceber que em alguns momentos os profissionais de imprensa, em detrimento do interesse público por respostas sobre o fracasso da seleção, deixam extravasar a sua admiração pessoal por aquele que é considerado o principal jogador da seleção, a esperança do futebol brasileiro, o ídolo.

---

<sup>19</sup> *Zona Controlada*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1479626-eliane-brum-zona-controlada.shtml>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

<sup>20</sup> Freire cria a nomenclatura Foot-ball Mulato em artigo publicado no dia 17 de junho de 1938 nos Diários Associados para descrever o estilo de jogo dos atletas brasileiros. Hoje, o que Freire chamou então de Foot-ball Mulato é chamado de futebol arte.

O que se percebe é que na entrevista com o jogador grande parte da imprensa se deixa levar pela lógica do espetáculo e, ao invés de se continuar se esforçando para obter respostas sobre a razão do fracasso da seleção na Copa - como até então tinha feito, vide as entrevistas com o técnico Luiz Felipe Scolari e sua comissão técnica - e de se questionar se a versão de que o jogador retornou à Granja Comary apenas para apoiar seus companheiros, prefere enaltecer as qualidades do jogador e expressar toda a sua admiração a ele.

## **Conclusão**

A reflexão apresentada aqui tem a intenção de chamar a atenção para alguns dos novos desafios que os profissionais que atuam no jornalismo esportivo enfrentam em decorrência das mudanças no seu campo de atuação.

Assim, em um contexto no qual é cada vez mais rígido o controle do acesso dos jornalistas às fontes, e das informações que são a eles apresentadas, parece ser fundamental que os profissionais de imprensa se esforcem ainda mais com o intuito de oferecer não apenas a versão da organização, mas informações detalhadas que permitam ao público elaborar sua própria leitura crítica do fato relatado.

Além disso, em um contexto no qual o poder da lógica do espetáculo se faz cada vez mais presente no campo do jornalismo, é imprescindível que o profissional tenha a busca da imparcialidade, o compromisso com o interesse público e a autocritica como alguns de seus companheiros inseparáveis.

E diante destes novos dilemas e desafios do fazer jornalístico, vale encerrar esta reflexão com um alerta de Bucci (2000):

“O pecado ético do jornalista não é trazer consigo convicções e talvez até preconceitos. Isso, todos temos. O pecado é não esclarecer para si e para os outros essas suas determinações íntimas, é escondê-las, posando de 'neutro'. O pecado ético do jornalista, em suma, é falsear a sua relação com os fatos, tomando parte na impostura da neutralidade”.

## Referências Bibliográficas

- BASILE, Sidnei. **Elementos do jornalismo econômico**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- DOS ENVIADOS ESPECIAIS. 'Escudo' da CBF, Neymar manda bem. *Lance!*, Rio de Janeiro, 11 jul. 2014. Seleção, p. 4.
- DUARTE, Jorge. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.
- ERBOLATO, Mário. **Técnica de Codificação em Jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.
- HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do. Copas do Mundo: o que elas nos ensinam sobre o Brasil. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do; (Orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001 (2ª reimpressão, 2007).
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.
- HOBSBAWM, E. e RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de; SANTOS, João Manuel C. Malaia; DE TOLEDO, Luiz Henrique; DE MELO, Victor Andrade (Orgs.). **Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- KELLNER, Douglas. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.
- MANSUR, Carlos Eduardo. **Deu a cara – 'Fomos fracassados sim'**. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 jul. 2014. Copa 2014, p. 3.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 2 ed. ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.